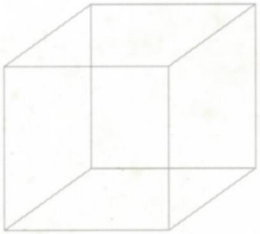
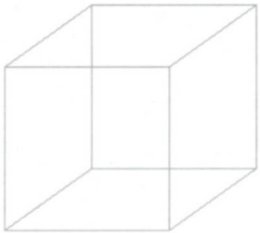
AO^3



cubo

AO^3



cubo

Curadoria Luciana Brito e Martin Grossmann

Ana Maria Tavares
Carlos Fajardo
Daniel Acosta
Iran do Espírito Santo
Julio Plaza
Lúcia Koch
Mônica Nador
Nelson Leirner
Regina Silveira

Exposição 11 de março a 6 de abril de 1997
Publicação do Catálogo maio de 1997

http://www.eca.usp.br/aocubo/

O Paço das Artes, sintonizado com a contemporaneidade, apresenta mais um evento que direciona o debate, a produção e a crítica das artes plásticas em São Paulo.

Ao Cubo traz artistas renomados e novos talentos que interativamente revelam, em seus trabalhos, uma atitude crítica no interior do Sistema da Arte Contemporânea.

Marcos Mendonça
Secretário de Estado da Cultura

"AO CUBO" – OU AINDA – "AO CUBO"

Ao Cubo reinstaura uma discussão no circuito artístico: questiona a convenção museográfica moderna que usualmente propõe a montagem das mostras em função de um lugar – asséptico – um cubo branco perfeito, de paredes lisas e bem acabadas, a iluminação pontual e condições climáticas e de refrigeração perfeitas. Eis uma exposição que ironiza os cânones da museografia moderna e os conceitos – já tradicionais – adotados pelas instituições.

Trabalhando com deslocamentos, com a fragmentação e desconstrução desse espaço ideal, os artistas operam através de pontuações irônicas que por vezes beiram a perversão.

Nada mais justo, no momento em que a história da arte contemporânea assinala o fim do objeto bem acabado, esgota as reflexões sobre a questão do suporte na arte. E a arte, ela própria, converge para direções que ressaltam a desmaterialização, as refrações no vazio, o paradoxo, propagando inclusive o fim da arte. Qual seria, então, o destino do museu?

A escolha de três gerações de artistas – abrangendo as décadas de 60, 70, 80 e 90 orbita entre trabalhos anteriores e as instalações desenvolvidas especificamente para a mostra Ao Cubo, no Paço das Artes – nos revela que as inquietações desse grupo de artistas remontam já dos anos sessenta e atravessam três décadas.

No momento em que a globalização altera a noção de espaço e tempo – e, portanto, a noção de contemplação – a arte museificada ocuparia, afinal, que lugar?

Vitória Daniela Bousso
Diretora

AO³ é uma proposta de exposição pautada no intercâmbio de idéias e posições de curadores e artistas, que investiga a arte contemporânea e sua relação com os espaços institucionais – museus e galerias.

AO³ estimula a reflexão sobre as questões relacionadas ao papel das instituições de arte, às maneiras de expor arte, aos métodos de escolha e de montagem das obras no espaço, à individualidade de cada obra e suas relações entre si.

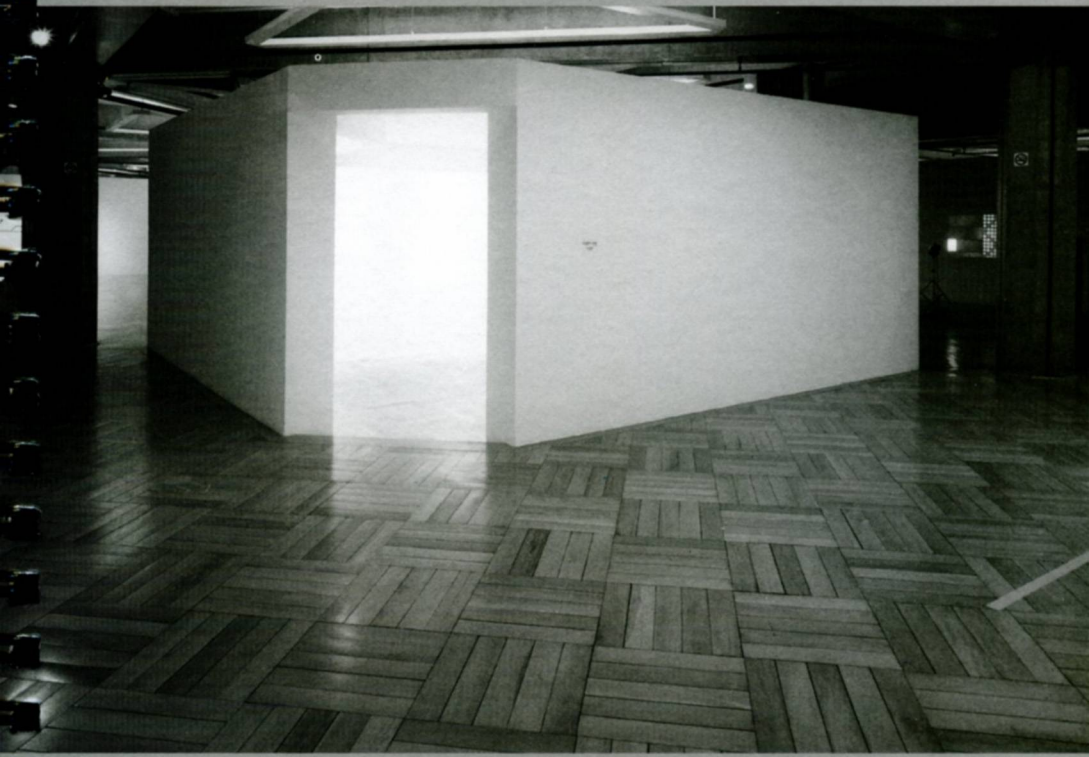
AO³ questiona e simultaneamente elege a concepção cartesiana de espacialização do museu de arte, oferecendo ao espectador um contexto propenso a fruições associativas... Proporciona condições para o exercício crítico frente aos elementos compositivos da exposição: o "cubo branco" dos curadores, as obras dos artistas, a estrutura institucional e o próprio visitante.

AO³ favorece a meta-crítica conceitual e espacialmente... Meta-crítica elaborada através da síntese que o visitante opera no interior do espaço expositivo ao se defrontar com o conjunto de obras e a proposta da curadoria.

AO³ discute o binarismo que determina as relações internas do espaço institucionalizado – o artista e sua obra; o curador e seu projeto de exposição; o visitante e a obra de arte; a exposição e sua justificação textual, o catálogo; a separação entre suporte e conteúdo.

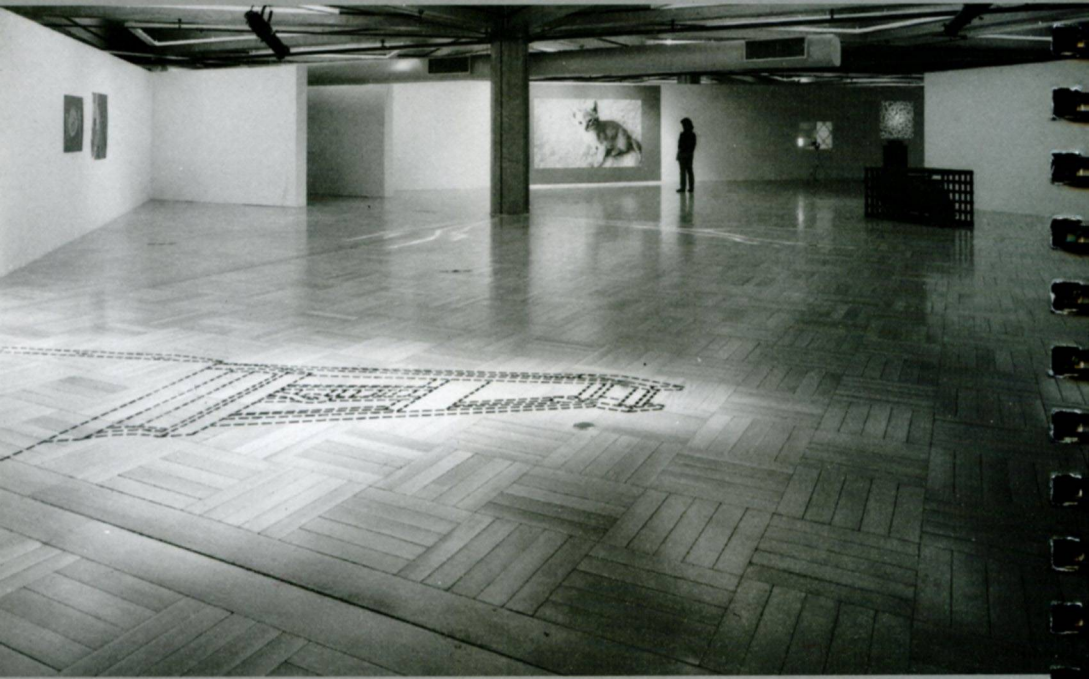
AO³ revela o "cubo branco", uma moldura correta e indicada para a arte moderna, entendida como espaço "ideal' para a arte moderna e contemporânea: quatro paredes brancas, piso neutro, teto discreto, climatização e condições de iluminação apropriadas às especificidades de cada obra. Espaço, por definição, asséptico e imparcial.

Luciana Brito e Martin Grossmann



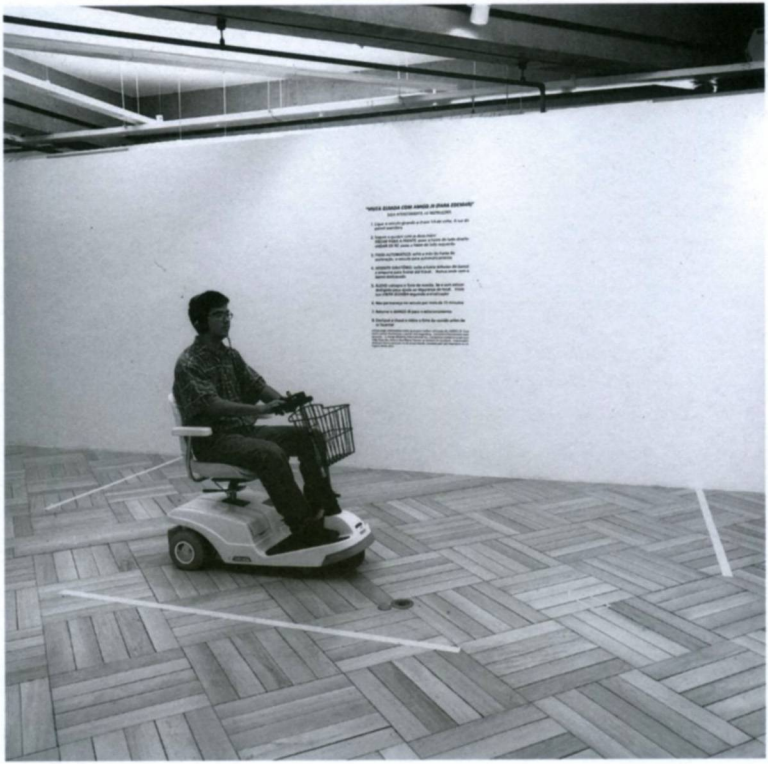








Ana Maria Tavares

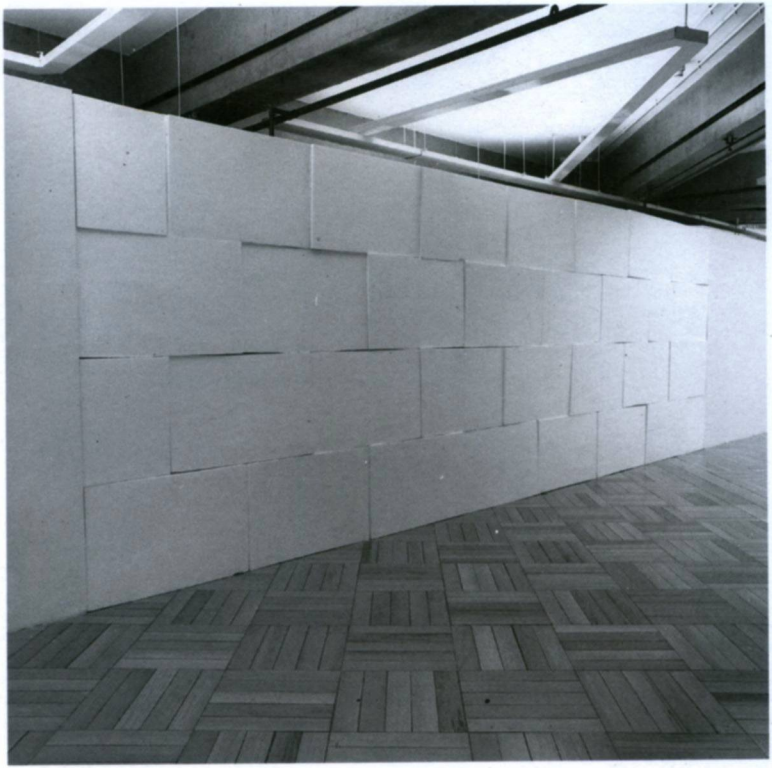




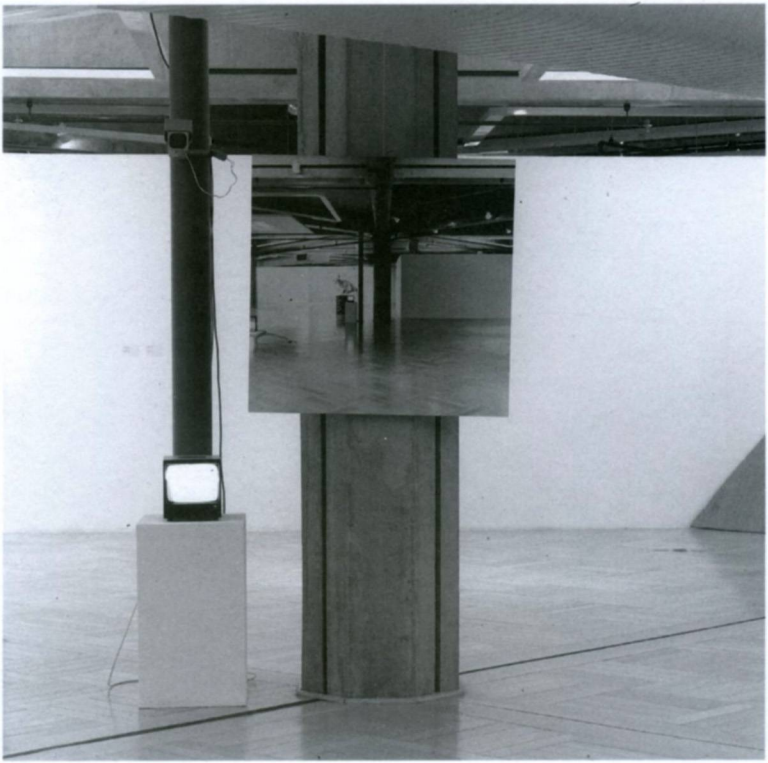
Daniel Acosta

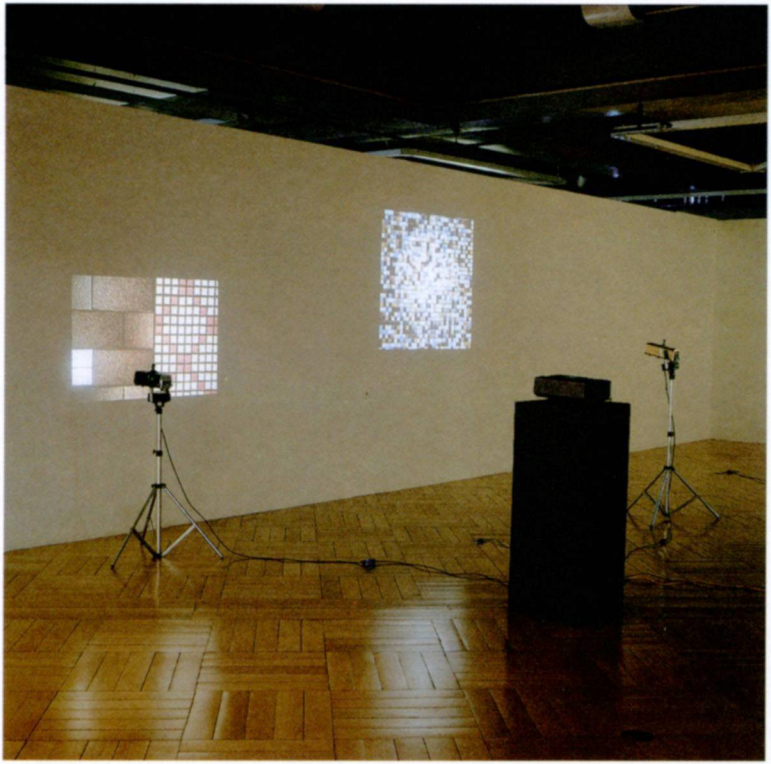


Iran do Espírito Santo



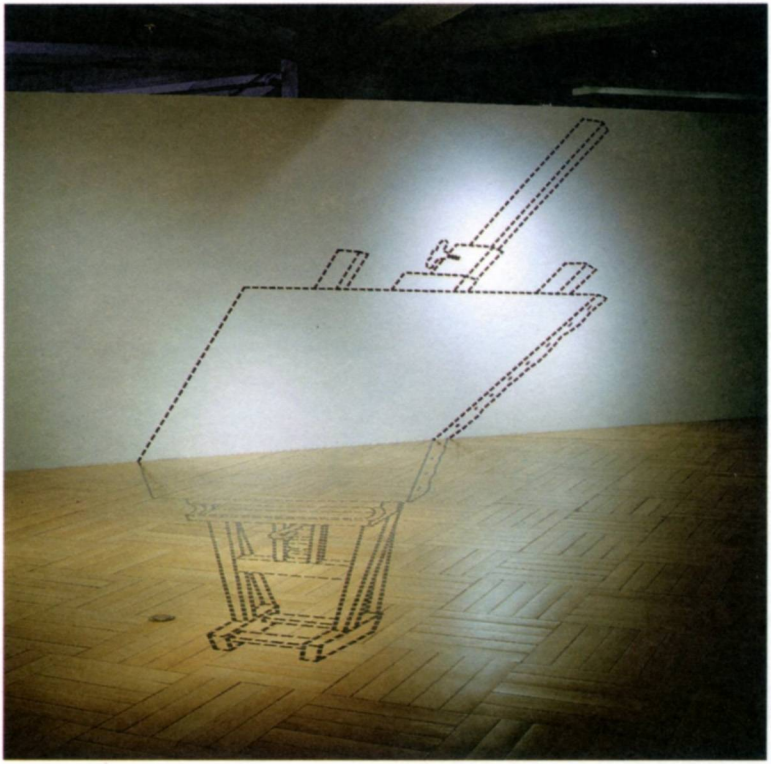
Julio Plaza











RELAÇÃO DOS TRABALHOS

Ana Maria Tavares

ALGUNS PÁSSAROS (Those in Flight), 1991
aço carbono cromado, 110 x 140 x 70 cm
Col. Fausto Godoy

VISITA GUIADA COM AMIGO J9 (Para Edemar), 1997
carro elétrico em aço, couro e termoplástico e fita reflexiva de poliéster, medidas variáveis

Daniel Acosta

CASA PRIMITIVA, 1996
argila moldada, 400 x 400 x 100 cm

CASA DA FRATURA EXPOSTA, 1997
fotomontagem, projeção de slide,
450 x 450 x 450 cm

Carlos Fajardo

SEM TÍTULO, 1989
painéis de madeirite, 4,5 x 16 m

SEM TÍTULO, 1997
cipó e cabos de aço, 50 cm de diâmetro

Iran do Espírito Santo

SEM TÍTULO, 1996
luminária, 40 x 30 x 30 cm

DESMANCHE, 1997
isopor, 2,7 x 7,5 m

Julio Plaza

LAS MENINAS, 1977-1997
quatro fotografias, 100 x 100 cm;
duas câmeras de circuito interno de TV
Fotos: Lîla Schwair

Lúcia Koch

COLUNAS, 1997
duas projeções, 3 m

MOOCA (janela), 1997
projeções de slide* e gobo, 100 x 100 cm

MOOCA (palavras cruzadas), 1997
projeções de slide* e gobo, 100 x 100 cm
* Imagens de paredes fotografadas por Monica Becker, Mooca, 1992

Luciana Brito e **Martin Grossmann**

CUBO BRANCO, 1997
painéis de madeirite, condicionadores de ar, spots de iluminação, 5,30 x 5,30 x 3 m

Mônica Nador

IMAGINE, 1991
acrílica sobre tela, 120 x 300 cm

FRUA, 1991
acrílica sobre tela, 120 x180 cm

CONTEÚDOS APELATIVOS PARA ESPAÇOS PROTEGIDOS, 1997
cópia digital e acrílica sobre painel, 250 x 350 cm

Nelson Leirner

PORCO EMPALHADO, 1966
porco empalhado em engradado de madeira e presunto, 62 x 159 x 83 cm
Col. Pinacoteca do Estado de São Paulo

ADORAÇÃO II, 1997
imagem sobre painel de compensado, 270 x 250 x 250 cm

Regina Silveira

BISCOITO "ARTE", 1976
cópia digital sobre papel, 1 x 0,75 m e cópia digital sobre papel 1 x 1 m
fotos: Gerson Zanini
confecção de biscoitos "Arte" para consumo

DESAPARÊNCIA, 1997
vinil auto-adesivo recortado, 18 m^2

AO CUBO AUSENTE

Felipe Chaimovich

O Cubo Branco designa um conceito geral de espaço neutro onde obras de arte indeterminadas encontrariam seu lugar natural. Arquitetonicamente, o Cubo refere-se a qualquer paralelepípedo regular pintado de branco, cujo piso não contraste cromaticamente com nada, dotado de iluminação e ventilação eficientes e discretas e de uma comunicação com o exterior feita apenas através de portas (se possível, só uma). Esse espaço homogêneo é projetado para esconder-se sob uma neutralidade radical que permita às obras de arte uma existência que suprima o resto do mundo, privilegiando a auto-referência do mundo da arte. A arte feita para o mundo da arte gerou a hegemonia formalista que projetou utopias espaciais como o Cubo Branco.

Ao encarar esta discussão no contexto local em 1997, artistas e curadores envolvidos em "Ao Cubo" deparam-se com um conceito de discurso da arte sem correspondência na arquitetura das instituições artísticas. O local da exposição, o Paço das Artes na Cidade Universitária, foi originalmente projetado para servir de saguão de um centro cultural. A funcionalidade do local povoa de interferências arquitetônicas o salão destinado às exposições. Nem o Cubo nem o Branco servem de padrões.

O embate com a realidade institucional gerou uma tentativa de repropor o espaço formalista, apesar de sua inexistência. Um cubo virtual foi evocado pela construção de painéis brancos que formavam um paralelepípedo interceptado por cortes de arquitetura original e pelo teto pré-existente. Uma releitura conceitual levou os curadores à construção de um cubo branco no centro da exposição, como que recriando um lugar fantástico da mitologia da arte moderna.

A tensão entre o Cubo Branco como conceito diretor da produção artística e sua inexistência institucional é um dado em São Paulo, à excessão eventual de algumas galerias. As obras escolhidas pelos curadores (metade do conjunto exposto) haviam sido realizadas para outras ocasiões e expostas nos espaços existentes na cidade – retomando, assim, três décadas de discussão do espaço em que se mostra a arte. Esse segmento da mostra propôs portanto uma leitura histórica.

Um segundo conjunto de obras foi projetado especialmente para "Ao Cubo". Nesse caso, as obras dialogavam com o espaço recriado no Paço das Artes, mimetizando o Cubo ideal materializado no centro da exposição. As obras passavam a dialogar com o Cubo virtual. Nessa medida, não eram projetadas para o lugar específico, mas voltavam a propor o diálogo modernista com o espaço abstrato.

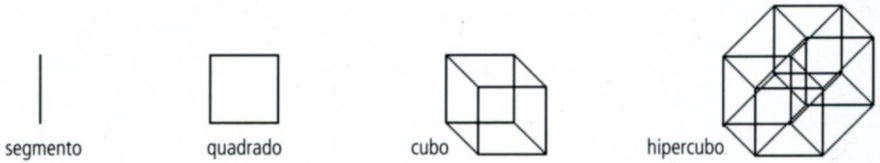
O espectador de "Ao Cubo" pode revisitar uma herança histórica da arte moderna: o embate entre a utopia do lugar da arte e sua existência local. O respeito guardado pela projeção virtual do Cubo Branco foi, contudo, índice de nostalgia – até mesmo nas obras que ironizavam a posição do espectador do lugar. A visão histórica foi respeitosa, reconhecendo a vigência da dificuldade de ruptura com os conceitos tradicionais da arte moderna.

São Paulo, 22 de abril de 1997

AO HIPERCUBO

Ton Marar

Um espaço de dimensão quatro (ou a quarta dimensão), para muitos é algo associado ao desconhecido. Para os matemáticos é apenas um espaço tão abstrato como um espaço de dimensão um, dois ou três. A diferença é que nos espaços de dimensão até três podemos fazer representações geométricas, isto é, podemos enxergar objetos geométricos. Contudo, dado um objeto geométrico que "vive" num espaço de dimensão alta, é possível representá-lo num espaço de dimensão mais baixa. Tal representação pode dar uma boa idéia da aparência do objeto, como também pode ser sofrível. Por exemplo, as sombras de objetos do nosso espaço tridimensional, são representações em espaços de dimensão dois (o anteparo), as quais quase sempre não traduzem bem a geometria do objeto projetado. Assim, certos artifícios são criados para que possamos "ver" objetos de espaços de dimensão alta em espaços de dimensão mais baixa. A perspectiva é um destes artifícios. Podemos desenhar numa folha de papel (pensada como espaço bidimensional) objetos do espaço tridimensional e tal representação criar a ilusão de que o objeto foi imerso na folha de papel. Por analogia podemos fazer o mesmo com objetos que "vivem" no espaço de dimensão quatro (no qual não podemos "enxergar") e representá-los no espaço de dimensão três ou mesmo num plano, por exemplo no plano de nossa retina. Passaremos assim a enxergar o objeto do "desconhecido". As figuras abaixo dão uma idéia deste processo. Primeiro temos um segmento que "vive" numa reta (espaço de dimensão um). Passando para um espaço de dimensão dois, movemos o segmento na direção da nova dimensão e obtemos um quadrado. Movendo-se o quadrado numa nova dimensão obteremos um cubo cuja representação, por meio de perspectiva, no espaço bidimensional, onde vive o quadrado, nos é bastante familiar. Finalmente, movendo-se o cubo numa nova direção (a quarta dimensão) obtemos o assim chamado hipercubo. Sua representação no plano não é tão simples como aquela do cubo – talvez uma questão de condicionamento visual ! Note que em cada um dos dois vértices da primeira figura temos uma aresta (o mesmo segmento), em cada um dos quatro vértices do quadrado temos duas arestas, em cada um dos oito vértices do cubo três arestas e finalmente em cada vértice do hipercubo temos quatro arestas. O cubo também possui seis quadrados – suas faces, enquanto o hipercubo possui cubos como "faces". Quantos cubos você consegue encontrar no hipercubo?



GOVERNO MÁRIO COVAS
Secretário de Estado da Cultura
Marcos Mendonça
Dach - Depto de Artes e Ciências Humanas
Diretor
Fernando Calvozo

PAÇO DAS ARTES
Diretora Técnica
Vitória Daniela Bousso

Assessor
Bruno Assami

Atividades Integradas e Projetos
Heloisa Gregori Sandoval

Assessoria de Captação de Recursos
Marília Mazzucchelli

Assessoria de Imprensa
Tereza Mattos

Documentação
Neli Amorim Schutt

Administração
Célia Ramos Ferreira
João Mário Gomes Pego
Sandra Regina Causin
Rui Moreira

Recepção e Secretaria
Maria Inez Waack

Produção e Montagem
Maria Gonçalves da Silva
Dirceu da Silva Fidelis
João Silva Lourenço
Marcio de Souza
Gilberto Mariotti

Produção Gráfica
Maria Alice Gonzales

Assessoria de Informática
Rui Moreira

Conselho do Paço das Artes
Adélia Borges
Agnaldo Farias
Ana Maria Tavares
Annateresa Fabris
Arnaldo Spindel
Carlos Fajardo
Celso Favaretto
Evelyn Ioschpe
Flávia Aidar
Giselle Beiguelman
Helena Katz
José Miguel Wisnik
Júlio Sampaio
Lucas Bambozzi
Lilian Amaral
Margarida Cintra Gordinho
Martin Grossmann
Nelson Brissac Peixoto
Ricardo Ohtake
Zélio Alves Pinto

AO³

Curadoria
Luciana Brito e Martin Grossmann

Assistente de Curadoria
Sandra Cinto

Projeto Gráfico e Arte-final
Inês Amorozo

Fotos
João Musa

AO³ na WWW/Internet

http://www.eca.usp.br/aocubo/

Criação e Coordenação
André Dogon e Martin Grossmann

Criação e Produção em VRML
(Realidade Virtual)
André Dogon

Projeto Gráfico
Inês Amorozo

Assistente de Produção
Silvana Marques

Fotos Digitais
Lúcio Ferreira da Silva

Agradecimentos

Fundação Bienal de São Paulo
LSI (POLI-USP)
NICA - Núcleo de Informática da ECA-USP
Pinacoteca do Estado

André Dogon
Carlos EDUardo da Silva Nogueira
Fábio Cimino
Fausto Godoy
Felipe Chaimovich
Heloisa Sandoval
Inês Amorozo
João Musa
Lila Schwair
Mário Gallo
Sandra Cinto
Ton Marar


ARCONTROL
DISTRIBUIÇÃO LTDA


TRANE


LA LAMPE
ILUMINAÇÃO

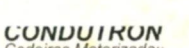

TINTAS
Coral


Eletrosystem
SISTEMAS DE SEGURANÇA
IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO LTDA


cattet


STB
Student Travel Bureau


eca
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO


CONDUTRON
Cadeiras Motorizadas


M.W. Barroso


CAIXA ECONÔMICA
FEDERAL


ABRA
Academia
Brasileira de Arte


Stock
Photos


Apple Computer Brasil


Art-Packing Ltda.
embalagens especiais


CCPA


PAPER EXPRESS


motion
midia